

WIE 2002 Folha de Rosto (inclua como primeira página do seu arquivo)

Título do artigo:

A distância que aproxima e humaniza

Autores e Instituições: (use quantas linhas precisar)

Nomes e endereços de email dos autores

1. Regina Xavier trilhote@atlas.ucpel.tche.br

2. Edla Faust Ramos edla@inf.ufsc.br

3. Magda Damiani Magda Magda@ufpel.tche.br

4. _____

Instituição

Universidade Católica de Pelotas _____

Universidade Federal de Santa Catarina _____

Universidade Federal de Pelotas _____

Pessoa de Contato para correspondência:

Nome: Regina Xavier _____

Endereço: _____

Rua Felix da Cunha , 412 _____

96010-000 Pelotas RS _____

Telefone: 053 2848-227 _____

Fax: _____

E-mail: trilhote@atas.ucpel.tche.br _____

Tipo de Submissão:

xx• Artigo	• Trabalho em andamento	• Relatório de Experiência	
------------	-------------------------	----------------------------	--

Todas as submissões até 15 de março

Endereço para submissão: <http://www.inf.ufsc.br/sbc2002/eventos/wie.html>

A distância que aproxima e humaniza

**(Artigo completo)
(grupo B)**

Regina Trilho Otero Xavier

Universidade Católica de Pelotas

Rua Félix da Cunha,412

CEP 96010-000

Telefone: 053-284-82-27

trilhote@atlas.ucpel.tche.br

(mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas,
professora da Escola de Informática da Universidade Católica de Pelotas)

Profa. Dra. Edla Faust Ramos

(Universidade Federal de Santa Catarina)

Profa. Dra. Magda Damiani

(Universidade Federal de Pelotas)

Resumo

Este artigo apresenta argumentos que nos permitem considerar os computadores como instrumentos capazes de humanizar e aproximar as pessoas , mesmo quando elas estão fisicamente distantes. Para construir esses argumentos, aplicamos as idéias de Piaget sobre o desenvolvimento da autonomia e da cooperação às possibilidades oferecidas por algumas ferramentas utilizadas na educação a distância.

Abstract

This paper presents arguments which allow us to consider computers as instruments capable of humanizing and bringing people together, even when they are physically at a distance. To build these arguments, we apply Piaget's ideas on the development of autonomy and cooperation to the possibilities offered by some of the instruments used for distant education.

Palavras chave

Computadores, Educação a distância, cooperação, autonomia

A distância que aproxima e humaniza

1 Introdução

Estamos presenciando um período em que vários setores da atividade humana voltaram a valorizar, sobretudo, a cooperação entre os indivíduos e a harmonia com a natureza. Há poucos anos atrás, eram apenas ações isoladas de indivíduos ou de instituições não-governamentais. Atualmente, uniram-se a eles, empresas, organismos governamentais, bem como as mais diversas comunidades e um número cada vez maior de indivíduos. As empresas, preocupadas com suas imagens, estão conscientes do olhar crítico e poderoso que o mercado mantém sobre cada uma de suas ações. Os governantes, da mesma forma, sabem o quanto lhes pode custar uma única ação que não esteja de acordo com os princípios éticos vigentes. Assim também acontece para um número cada vez maior de indivíduos que, para ser aceito no seu grupo social ou profissional, precisa estar atento, constantemente, ao conceito pessoal e profissional que os outros estão formando sobre a sua pessoa.

Percebe-se uma corrente forte, e cada vez maior, que valoriza a natureza e os princípios éticos. Na verdade, parece que procuramos, mais uma vez, voltar ao passado. Exatamente nesse momento, parece que buscamos resgatar os valores vigentes à época da sociedade rural, quando o homem vivia em harmonia com a natureza e com o próprio homem e quando reinava a noção de coletividade. Afastamo-nos desses valores quando o desenvolvimento das bases científicas e da revolução industrial levou a humanidade ao **individualismo** – já que precisávamos separar as partes para compreender o todo, por exemplo – bem como nos conduziu a **padronizações**, embalados pela produção em massa gerada pelas indústrias.

O ensino foi diretamente atingido, uma vez que só o que era cientificamente comprovado poderia ser considerado como **verdade** e, assim, ser ensinado na escola. Em seu surgimento, o paradigma científico precisou combater o paradigma vigente que se baseava na religião e no senso comum. Para vencer, baseou-se – havendo, em certos casos, um certo excesso – na neutralidade, na objetividade e numa concepção de universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares, onde, portanto, o homem é visto como totalmente separado da natureza. Nas escolas e universidades, a forte influência das bases do conhecimento científico pode ser sentida tanto na lógica da construção dos currículos quanto na prática docente.

Os resultados de tantos anos de descaso com a natureza e com o bem-estar comum e que tinham como prioridade as satisfações pessoais são, infelizmente, sentidos nos mais diversos pontos do planeta, enquanto questionamentos dessa situação e ações para revertê-la passam a acontecer. Pode-se dizer que uma nova forma de fazer ciência e de pensar o conhecimento já vem modificando pessoas e, conseqüentemente, ambientes de ensino/aprendizagem.

Nesse contexto de desordem e de busca de um rumo que seja capaz de conduzir o homem de volta aos valores essenciais a uma vida realmente humana, encontramos um veículo – **o computador** – que, apesar de ter surgido com objetivos totalmente diversos, por si só é capaz de despadrãozizar a educação (dependendo da forma como será utilizado) bem como, quando se encontra aliado aos recursos das telecomunicações, é capaz de unir pessoas de forma inimagináveis até bem pouco tempo. Parecendo contraditório, o computador, ao permitir que as individualidades se manifestem e ao reforçar a autonomia, também vem favorecendo a cooperação e a união entre as pessoas.

Para uma melhor compreensão desse aparente paradoxo, a seguir, serão relatadas as razões que nos levam a crer que eles podem ser veículos de humanização e união.

2 Computadores a distância: estimulando a autonomia e a cooperação

Segundo MORAES (1996), a educação precisa estar de acordo com a nova visão de mundo, que compreende o universo em contínua evolução, que respeita os fenômenos naturais e que percebe o mundo como um todo interligado. Assim, a educação ajudará a criar um novo sistema de referência preocupado em resgatar o potencial do ser humano, em propiciar vivências que busquem a integração corpo-mente, sempre objetivando a expressão de novas formas de cooperação e solidariedade:

Essa nova visão de mundo, cheia de esperanças, implica, segundo CAPRA (1993) uma necessária e coerente mudança de valores, indo da competição para a cooperação, da quantidade para a qualidade, da dominação para a parceria, da expansão do consumo para a conservação (p.94).

Mas, o que é necessário para criar um clima de cooperação entre os indivíduos? E o que é cooperação?

Cooperar na ação é operar em comum, isto é, ajustar por meio de novas operações (qualitativas ou métricas) de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as ações executadas por cada um dos parceiros (PIAGET, 1973, p.105).

Para PIAGET (1973) cooperar é operar em comum. Isto implica em trocas, em participação dos sujeitos em operações interindividuais que poderão surgir espontaneamente ou por provocação. Além de participação, a cooperação também pressupõe equilíbrio nas trocas e reciprocidade entre os parceiros.

O equilíbrio nas trocas interindividuais só é possível nas relações de cooperação, onde os sujeitos possuem uma escala de valores comum, claramente expressa, que é mantida ao longo do tempo ou discutida e justificada para ser modificada, e onde os indivíduos agem buscando a reciprocidade com espontaneidade, não estando presentes relações de coação ou egocentrismo.

Assim sendo, de acordo com PIAGET (1973), para cooperar o indivíduo precisa compreender o outro, ser capaz de colocar-se no lugar do outro. É preciso que o grupo tenha construído uma escala de valores que realmente seja comum a todos. Esta escala de valores é que permitirá estabelecer acordos conjuntos e objetivos comuns. Mas, para que haja a manutenção dos acordos, é preciso também que o grupo seja capaz de conservar esta escala de valores. Só desta maneira será possível a busca da reciprocidade, que tem como base o respeito mútuo. Fundamentalmente, é a partir do respeito mútuo que a cooperação pode existir. Desta forma, ações de egocentrismo ou de coação, onde a obediência prevalece sobre a razão e existe uma atribuição de valor imposta de fora, não se podem fazer presentes nas relações interpessoais cooperativas (RAMOS, 1996).

Um dos pré-requisitos para que um grupo tenha uma escala de valores comum é a existência de uma linguagem que seja perfeitamente compreendida por todos. Para que a cooperação aconteça, parte-se, portanto, da certeza de que os sujeitos se estão fazendo entender com facilidade, e se expressando com clareza e sem ambigüidades. O fato de o grupo dominar uma mesma linguagem lhes permite *“negociar um acordo sobre a mesma proposição, concordando sobre sua validade ou falsidade, ou pelo menos justificando a diferença de seus pontos de vista”* (RAMOS, 1996, p.177).

Um outro ponto importante nas relações de cooperação é a predisposição de um indivíduo para participar de trocas cooperativas. Para PIAGET (1973), se um indivíduo presta um serviço ao outro e é retribuído da mesma forma, acontecerá uma satisfação real de parte a parte. Porém, se a ação não for seguida imediatamente da retribuição, o indivíduo que recebeu o serviço estará em dívida com o outro e teremos então um credor e um devedor. Pode ainda acontecer de o serviço prestado ser injustamente valorizado ou supervalorizado pelo indivíduo que o recebeu. Neste último caso, está presente um desequilíbrio de valorização das trocas.

Podemos saber se um indivíduo está predisposto a cooperar quando, ao prestar um serviço, demonstra pouca expectativa em relação à recíproca do serviço prestado, isto é, em suas ações de cooperação sua expectativa de retorno é inferior ao investimento inicial mobilizado. (RAMOS, 1996)

Para PIAGET (1977), a autonomia está relacionada com o surgimento de relações de cooperação, sendo que estas últimas são a base para a constituição e o desenvolvimento da lógica: sentindo-se na obrigação de ser coerente para se fazer entender pelo outro e para entendê-lo – coerência interna e externa –, o indivíduo precisa manifestar-se com lógica ou suas ações não serão eficazes.

Fazendo-se uma relação entre a teoria de Piaget sobre o desenvolvimento das relações de cooperação e os recursos atuais da educação a distância, percebe-se que, em ambos, os elementos básicos são a autonomia e uma linguagem comum perfeitamente entendida por todos. Os grupos de conversação na internet – os *chats* –, em geral, constituem-se em ambientes que favorecem o surgimento desses elementos básicos. Ao fornecerem aos participantes uma situação de total igualdade – todos podem teclar o que quiserem e quando quiserem – os *chats* favorecem o desenvolvimento da autonomia e não impedem – como numa situação presencial – que alguém se manifeste assim que lhe ocorre o pensamento, dando a sensação que pensamento-e-ação estão ocorrendo num só tempo. A inexistência de fatores de coação, como a presença física de um professor que escolhe quem vai falar, quando vai falar e aprova ou desaprova o que foi dito, por si só constitui-se em fator de estímulo à autonomia.

Outro ponto a ser destacado, no caso dos *chats*, é a existência de uma linguagem comum perfeitamente entendida por todos. Os grupos participantes de discussões na internet criam maneiras de manifestar-se, chegando, inclusive e de forma intensamente dinâmica, a constituírem uma linguagem que foi construída pelo próprio grupo de conversação conforme suas necessidades de expressão. Essa construção da linguagem, em geral conjunta, garante o entendimento e favorece as relações de cooperação.

Ainda outro fator que aparece como elemento de “aproximação à distância” nos *chats* é a facilidade com que as pessoas se expõem e manifestam suas opiniões nesses ambientes. Isso faz com que sejam capazes de compreender-se um ao outro e pode propiciar o desenvolvimento de escala de valores comum, o que permitirá a reciprocidade entre os parceiros e, assim, a cooperação.

O respeito mútuo é importante para que se consiga o desenvolvimento de relações de cooperação. No entanto, para que exista o respeito mútuo, é necessária a existência do respeito próprio, o qual está fortemente associado à consciência das pessoas de saberem-se capazes de realizar o que decidiram fazer. Assim sendo, o indivíduo que se respeita poderá, mais facilmente, desenvolver, junto a um grupo, respeito mútuo. O indivíduo que respeita os outros membros do grupo, sendo capaz de colocar-se no lugar deles e levar em conta suas escalas de valores, poderá, mais facilmente, agir com reciprocidade e participar de trocas cooperativas. Ao sentir necessidade de cooperar, o indivíduo é impelido a desenvolver sua autonomia – ou não conseguirá ajudar os outros – e o sujeito autônomo é aquele que se sente com liberdade para manifestar sua alegria e sua curiosidade, para decidir que futuro quer ter e como fará para tê-lo.

Voltando-se à questão dos recursos das telecomunicações, da mesma forma que os *chats*, embora talvez com menos intensidade, porque existe tempo para o pensamento e, conseqüentemente, para as auto-correções –, os fóruns e o correio eletrônico também estimulam o desenvolvimento da autonomia e das relações de cooperação. São ferramentas pedagógicas que podem ser utilizadas para aproximar as pessoas e, assim, possivelmente, humaniza-las, ao permitir que suas individualidades se manifestem.

Assim sendo, o grande diferencial do computador, que é permitir que cada um siga seu próprio ritmo, ganha uma noção de coletividade ao utilizar-se dos recursos das telecomunicações, o que poderá ser muito positivo para os educadores.

4 Conclusão

Os recursos das telecomunicações aliados aos recursos da Informática nos concederam um instrumento pedagógico que, mesmo estando à distância, é capaz de aproximar as pessoas talvez de forma bem mais abrangente do que a proximidade física seria capaz. Essa aproximação fornece, aos grupos que se formam, uma força transformadora, em geral, bem maior que a de indivíduos isolados e, com certeza, com velocidade e abrangência imensamente grandes.

Diante dessa ferramenta pedagógica – o computador associado aos recursos das telecomunicações - com tal potencial, o educador poderá desenvolver seu trabalho também de forma mais abrangente. O importante é que esteja consciente do potencial da ferramenta, da sua atuação, das ações de seus educandos e, principalmente, das causas e conseqüências dessas ações, tanto individual quanto coletivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPRA, Fritjof. *O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- MORAES, Maria Cândida de. *O paradigma educacional emergente*. Tese de doutorado - PUC/SP, 1996.
- PIAGET, Jean. *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1973.
- PIAGET, Jean. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou., 1977.
- RAMOS, Edla. *Análise ergonômica do sistema hiperNet buscando o aprendizado da cooperação e da autonomia*. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Engenharia da Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.